

KAFKA E A NOVA ROBINSONADA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ESTÉTICA DE THEODOR ADORNO

*KAFKA AND THE NEW ROBINSONADA:
AN ANALYSIS FROM THE THEODOR ADORNO AESTHETICS*

Sara Juliana Pozzer da Silveira¹

Resumo

O artigo está dividido em duas partes: na primeira trata da compreensão de Theodor Adorno sobre o conceito de filosofia e a consequência para a estética. Na segunda parte, comparamos duas obras de arte: “A construção” de Kafka e “Robinson Crusoe” de Defoe. O objetivo é mostrar (a partir da estética de Theodor Adorno) o papel do indivíduo nas duas obras.

Palavras-chave: Estética; Adorno; Kafka.

Abstract

The article is divided into two parts: In the first deals of understanding of Theodor Adorno on the concept of philosophy and the consequence for aesthetics. In the second part we compare two works of art: “The construction” of Kafka and “Robinson Crusoe” of Defoe. The goal is to show (according to aesthetics of the Theodor Adorno) the role of the individual in the two works.

Keywords: Aesthetics; Adorno; Kafka.

¹ Doutora em Filosofia. Professora do Departamento de filosofia e do Programa de pós-graduação em filosofia da UFMT.
E-mail: sarapozzer@gmail.com

A RELAÇÃO ENTRE FORMA DO PENSAMENTO E SOCIEDADE EM THEODOR ADORNO

No prefácio à *Dialética Negativa*², Adorno comenta sobre o que Benjamim disse ao terminar a leitura de uma obra de Adorno chamada: “Para a metacrítica da teoria do conhecimento”³. Ele teria dito que para chegar ao final da leitura e alcançar um filosofar concreto era preciso atravessar o deserto gelado da abstração. Ora, isto porque esta obra trata de uma crítica à fundamentação tanto da filosofia de Kant quanto da de Husserl. Adorno acusa-as de idealismo porque tratam o âmbito fundacional do discurso como independente da experiência histórica: seja o sujeito transcendental na primeira ou o absolutismo lógico na segunda.

Quando Adorno afirma na primeira frase da DN que a filosofia mantém-se em vida porque seu instante de realização foi perdido, isso significa que Adorno, ainda devedor da tradição materialista marxista, pensa que a realização da filosofia, enquanto unidade entre conceito e realidade, através da práxis, é um argumento válido, um “estado de coisas” esperável. Para entendermos porque esta “espera” não é absurda, precisamos entender como Adorno conceitua a filosofia. Na obra *Dialética do Esclarecimento*⁴ tratando do surgimento histórico da oposição entre sujeito e objeto ou entre conceito e conceituado afirma que a tentativa de unificar os dois âmbitos é o que define a filosofia. Quer dizer então que antes da separação os momentos estavam unidos, mas Adorno afirma que não estavam conciliados, a consciência não se sabia unida ao objeto, ao contrário, neste período temos a indiferenciação que é própria do mito. “Destino, a submissão à natureza dos mitos procede de uma total menoridade social, de uma época em que a autoconsciência ainda não tinha aberto os olhos, em que ainda não existia o sujeito” (DE. p. 184). Para determinar este problema na história, os autores recorrem à antropologia e etnologia. Constatam que nos rituais xamânicos já temos a separação virtual entre sujeito e objeto, conceito e conceituado. Quando, por exemplo, uma árvore é designada como tal e, ao mesmo tempo, como a sede do “mana”, de um espírito, portanto, temos a contradição de que uma coisa é ela mesma e outra. A árvore já é um sujeito de predicados, um conceito. Ao mesmo tempo percebem que quem designa o objeto como sede de espíritos é alguém com uma função hierarquicamente superior na tribo: o feiticeiro ou sacerdote. Quer dizer, a formação da estrutura lógica do discurso resulta de certo *modus vivendi* social. Assim, quando mais tarde as sociedades mais complexas refinam a hierarquia e a dominação temos uma hierarquia lógica mais definida no terreno da linguagem: “A forma dedutiva da ciência reflete ainda a hierarquia e a coerção. Assim como as primeiras categorias representavam a tribo organizada e seu poder sobre os indivíduos, assim também a ordem lógica em seu conjunto - a dependência, o encadeamento, a extensão e união dos conceitos - baseia-se nas relações correspondentes da realidade social, da divisão do trabalho”. Assim, as estruturas lógicas basilares do discurso são expressão da dominação da sociedade sobre os indivíduos. Entretanto, como podem

² ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. A partir de agora abreviada como DN.

³ ADORNO, T. *Para a metacrítica da teoria do conhecimento*. Estudos sobre Husserl e as antinomias fenomenológicas. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

⁴ ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Zahar: 1985. A partir de agora abreviada como DE.

ser, ao mesmo tempo, expressão do poder social e a condição de todo pensar? Adorno admite que sem a separação sujeito/objeto e a unidade que é sempre realizada pela síntese através do verbo ser, sem isso, não poderíamos pensar. No entanto, para Adorno, o pensamento pode criticar suas estruturas lógicas sem recair no difuso, amorfo. “O pensar não precisa deixar de se ater à sua própria legalidade, ele consegue pensar contra si mesmo sem abdicar de si” (DN. P. 123). Vamos tentar entender melhor estes problemas postos pela filosofia de Adorno resgatando (em parte) a influência de Kant sobre nosso autor.

A influência que percebemos e vamos a partir de agora descrever da filosofia de Kant em Adorno não significa, é claro, que haja uma continuidade entre estas filosofias. Pelo contrário, sob o ponto de vista metodológico, há entre elas um abismo porque enquanto Kant fundamenta sua filosofia num terreno transcendental, que não é nem o transcendente da velha metafísica, nem o empírico, mas independente da experiência, porque condição desta, Adorno pensa que o âmbito transcendental é uma hipostasiação indevida de um certo campo que pretende-se que seja neutro em relação à historicidade. Ele procurará mostrar que as estruturas lógicas são, ao mesmo tempo, a condição do pensar e construções históricas. Kant influencia neste resultado porque ele não concebe como absoluta a identificação entre conceito e conceituado no processo de conhecimento. Como consequência nenhuma definição é absoluta. Entretanto, segundo Adorno, Kant admite isto e, ao mesmo tempo precisa fixar as categorias como definitivas. A grandeza de Kant está justamente neste duelo do pensamento consigo mesmo.

Adorno não quer fixar nenhum conceito como definitivo, mas também não quer abandonar a possibilidade da verdade. Ora, em Kant as categorias do entendimento e o “aparato” transcendental são pressupostos necessários que se legitimam toda vez que obtemos conhecimento, ou seja, toda vez que a experiência concorda com nossas regras.⁵ Não nos parece que Adorno negue a possibilidade desse acordo, desse tipo de experiência cognitiva, mas ele quer pensar um tipo de experiência onde o objeto não fosse homogeneizado pelas formas do pensamento. Enquanto a contradição que é para Adorno “uma categoria da reflexão” mantém a “confrontação pensante entre o conceito e a coisa” (DN. P. 127), a síntese ou identidade é a “forma originária da ideologia” (DN. P.129) porque o objeto, o que é o outro do pensar, cai sob as formas do pensamento como um exemplar ou representante. (DN. P.130). O ente só é por meio e através do conceito (DN. P. 123), entretanto o conceito rotula não deixando a coisa mostrar-se, enquadrando-a. Entretanto não se resolve o problema da coação da síntese apelando-se para uma instância anterior à cisão sujeito/objeto como se a coisa mesma pudesse se manifestar apesar do conceito. A ilusão de um saber imediato ontologicamente anterior à cisão e a dominação da natureza pelo conceito são ambos míticos: “Enquanto regressão mimética, a ilusão de apoderar-se imediatamente do múltiplo se converteria uma vez mais em mitologia, em horror do difuso, tanto quanto o pensamento da unidade, imitação da natureza cega por meio de sua opressão, conflui no polo oposto para a dominação mítica” (DN. P. 137). A questão é como não sucumbir ao duplo engano: utilizar as formas do pensamento apenas para dominar a natureza ou cair na ilusão de que o outro do pensamento possa ser apreendido imediatamente, semelhante ao modelo da magia, do mito.

Esta crítica às formas do pensamento nunca pode significar que podemos abandoná-las. A síntese não é apenas a condição do pensar, ela também é condição do apaziguamento em relação aos sustos

⁵ HAMM, Christian. *A natureza “inatural” da razão em Kant*. Studia Kantiana. N.15, 2013

que a natureza pode nos dar, pois ela é a ordem do pensamento e com isso nossa vida se garante contra o difuso. Já foi dito que o homem não suporta o caos porque ele não consegue pensá-lo. Quando os antigos gregos acreditavam que a mudança das estações se dava por causa do rapto da Perséfone, isso os tranquilizava. Sabiam que depois do inverno sem frutos, Perséfone voltaria para a mãe Deméter e a terra voltaria a produzir, era a chegada da primavera. Ainda é o medo, o desamparo frente à sociedade e a natureza que nos faz crer nas formas lógicas como verdades absolutas. O medo religioso do desconhecido acompanha todo rigorismo lógico. Os dominadores de tempos imemoriais usaram de ídolos para amedrontar a maioria. Assim, a reconciliação que se constrói constantemente no conceito entre universal e particular, a síntese é usurpação, ela é só uma aparência para aplacar nosso medo, uma ilusão socialmente necessária. É a forma reflexa do poder da sociedade sobre nós.

Entretanto, a esperança que resta é que todo pensamento tem um momento de imediatidade, caso contrario ele seria tautológico, uma construção do objeto a partir das formas do pensamento. Quer dizer, não se trata da prevalência de estruturas fixas do pensar as quais unicamente dão significado ao objeto e por isso o dominam e nem de um saber imediato que seria anterior à própria conceitualização. A filosofia não pode “fixar-se em um corpo de teoremas enumeráveis. Ela teria o seu conteúdo na multiplicidade, não enquadrada em nenhum esquema de objetos que se lhe impõem ou que ela procura” (DN. p.20). Ela se abandonaria a tais conteúdos sem procurar ser o espelho dos mesmos para não confundir a sua imagem com a concreção. O conceito precisa se apropriar de algo da mimese sem se perder nela. Quer dizer, é uma espécie de movimento autocontrolado em que o pensar não recai simplesmente na magia, mas também não se atém apenas ao repertório categorial, previamente definido, para determinar o objeto.

Mas o que significa o conceito não perder o momento da mimese? Significa que a filosofia deve dar uma atenção permanente à arte. Enquanto mimese, a arte, para usar a expressão kantiana, joga livremente com a legalidade do pensamento. Só na música podemos, por exemplo, ter síntese sem conceito, só nas artes plásticas podemos ter conceito sem discurso. Em certas obras literárias o mais importante são as imagens evocadas e os gestos e não a forma discursiva. Embora seja através dela que estes se apresentem. Quer dizer, as obras de arte embora pertençam ao processo de esclarecimento e por isso também utilizam das formas do pensamento, elas fazem parte de um âmbito próprio, distinto do terreno da filosofia, ciência, religião, do discurso cotidiano em geral. Isto ocorre porque apesar de retirarem todo seu conteúdo da realidade histórica o transpõem para outra realidade, para um mundo próprio onde vigoram leis próprias. Assim, se pensarmos na história do pensamento no ocidente, a história da arte é uma história subterrânea onde se tenta expressar aquilo que a linguagem socialmente sancionada não permite. Daí o caráter enigmático das obras de arte o qual alimenta incessantemente nossa interpretação da realidade.

Tendo isto como norte, nos propomos reler Kafka e Defoe para, através desta apropriação filosófica da mimese, lançar luz sobre algumas características do chamado “homem burguês”. Para tal, utilizaremos a obra *Robinson Crusoe* de Defoe⁶, escrita nos primórdios do capitalismo e a obra “A construção” de

⁶ DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia da Letras, 2011. De agora em diante abreviada como Robinson.

Franz Kafka⁷ quando o capitalismo já adquiriu seu caráter monopolista. Na verdade, a partir da releitura das características e situação dos heróis das duas obras nos propomos a pensar tais elementos como notas cifradas da relação entre o modo de comportamento exigido pela sociedade e a individualidade.

A CONSTRUÇÃO DE KAFKA E O ROBINSON DE DEFOE

É conhecida a obra *Robinson Crusoe* de Defoe: um naufrago preso em uma ilha deserta tendo como únicas posses alguns utensílios salvos do navio. A novidade da obra para a época não eram as aventuras que este viveu antes de aportar na ilha, nem o encontro com os canibais e com sexta-feira no final, pois isto era relativamente comum nesta literatura de viagens. Basta lembrar do mercador de Bagdá Simbad cuja história é centrada na aventura. O que chamou a atenção no *Robinson Crusoe* é o que o herói faz para ocupar seu tempo durante os anos que permaneceu na ilha. O vemos trabalhar diariamente página após página. Ao contrário do que disse Kant na *Crítica da Faculdade do Juízo*⁸ ao afirmar que ninguém em uma ilha deserta se dedicaria a construir um palácio suntuoso (nem apenas mentalmente) já que bastaria apenas uma cabana confortável, o personagem de Defoe não constrói um palácio, mas tem até casa de campo (*Robinson*, p. 162), ou seja, ele passa quase todo seu tempo trabalhando, construindo coisas. O que espanta o leitor até hoje é que mesmo nosso herói estando sozinho na ilha divide diligentemente seu tempo em horas de trabalho, horas para explorar a ilha, certo tempo para o descanso, etc. Esta obra foi e é continuamente interpretada como exemplificação dos ideais da cultura burguesa: diligência, organização do pensamento e das coisas úteis à vida, horas fixas para o trabalho, para o ócio, etc.⁹

Agora vejamos o *Robinson* de Kafka escrito na Berlim dos anos 30 quando o nazismo emergia e ninguém ainda tinha ideia do tamanho do monstro. Vamos nos deter na obra “*A Construção*” onde o personagem central é também um solitário. Entretanto, o personagem de Kafka não é um naufrago, não há na novela nenhuma menção a algum tempo histórico, a alguma cidade. Ele narra apenas a vida de um animal que vive numa toca e passa a maior parte de seu tempo revolvendo a terra para melhorar sua construção. Ao contrário da tranquilidade de *Robinson* ele não tem sequer uma hora de sossego. A azáfama diária em função da sobrevivência ocupa quase todo seu tempo. Excetuando-se apenas alguns momentos em que ele come até se fartar, que ele dorme, que ouve o silêncio da toca e que calcula as possíveis reformas de sua fortaleza. Ele tem um medo terrível dos predadores que podem vir do centro da terra ou do exterior e que, com certeza querem exterminá-lo, tomar sua toca e posses etc. A insegurança é tão grande que quando ele começa a ouvir um zumbido do fundo da terra, ele pensa que tanto a toca de seu predador está nos seus territórios quanto o predador pode pensar que a sua toca pertence ao território dele. Carone¹⁰ aponta que aqui as noções de dentro e fora da casa, estranho e familiar, ficam suspensas. Isso expressaria a terrível insegurança que passa o animal. Acresce-se a

⁷ KAFKA, Franz. *Um artista da fome e a construção*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. De agora em diante mencionamos apenas: *A construção*.

⁸ KANT. *Crítica da Faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. RJ: Forense Universitária, 2005.

⁹ MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. Tradução de Alexandre Morales: São Paulo: Três Estrelas, 2004.

¹⁰ CARONE, Modesto. *A construção*. In: *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

isso também o pavor que ele tem dos predadores externos. Numa de suas incursões para fora da toca passa dias sem conseguir voltar para casa por medo que alguém o aviste entrando e queria tomar a casa de assalto. Ele não confia em ninguém, aliás num momento em que está elogiando o pouco de paz que tem na sua toca, ele lamenta a sorte destes desgraçados que precisam suportar “a matilha dos camaradas”. Em síntese: um animal acuado, atormentado, cuja única dimensão da vida se encerra na luta incessante pela sobrevivência.

É interessante notar que o personagem de Defoe¹¹, construído num momento em que o capitalismo emergia, simboliza a legitimidade da dominação burguesa através do trabalho. O trabalho justifica a riqueza de um grupo social. Nesse contexto, ele é apresentado como algo natural. Robinson transforma a ilha numa oficina para a sobrevivência e, principalmente, seu conforto. Mesmo que sua solidão seja resultado de um acidente, o naufrágio, a obra passa a ideia de uma certa independência do personagem em relação aos poderes sociais, afinal de contas ele consegue fazer tudo sozinho. Ele consegue “se virar”. No caso do trabalhador solitário de Kafka, ele não é mais um sujeito tranquilo que ocupa seu tempo buscando o útil e confortável, é um animal desesperado que mesmo trabalhando arduamente, fazendo sempre novos projetos e cálculos para melhor garantir sua segurança, afirma que nada disso pode garantir sua integridade física.

Adorno afirmou que os personagens de Kafka são como insetos quando os acertamos com um mata-moscas: é como se estivessem meio tontos sem saber ao certo onde estão¹². Ou que se comportam como se estivessem presos em um campo magnético sem nenhuma capacidade de resistir. Suas reflexões não vão além desse mundo fechado em que transitam. Eles não seriam mais indivíduos, pois a individualidade pressuporia certo distanciamento da totalidade em que vivem. Esta autoafirmação consistiria em negar o estado falso, o que causa sofrimento, em nome da vida plena, etc.

Em Kafka não há mais a luta pela dignidade humana, cara ao iluminismo, o progresso rumo à liberdade, etc., mas segundo Adorno o que resta é a salutar aproximação entre homens e animais. Porque salutar? Quando lemos “A Construção” pela primeira vez somente lá pela terceira página nos damos conta de que se trata de um animal, pois inicialmente julgamos estar acompanhando as memórias de um homem maduro de quando começou a construção de sua casa, dificuldades superadas, rotina atual. Nos assustamos quando ele fala que o focinho doía ou que ele se alimenta de ratos que devora com suas mandíbulas. O que talvez seja o aspecto liberador a que Adorno se refere é que o desassossego presente nas suas reflexões desnuda totalmente o caráter absurdo da vida no capitalismo tardio indiretamente, pois não nos apresenta operários na luta, mas um bicho em sua toca. Para nos abandonarmos à mimese presente na obra e, ao mesmo tempo, não nos perdermos nela deveríamos “tomar tudo literalmente” procurando a partir de dentro da obra ver o que ela refrata da sociedade. Para perceber a refração temos que nos ater ao momento histórico. Kafka escreve na Berlim dos anos trinta. No plano econômico, vive-se com uma hiperinflação e com a existência dos monopólios que estragaram os negócios da pequena burguesia. No plano político, a emergência do nazismo.

¹¹ Ver a este respeito a introdução de John Richetti. In: DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia da Letras, 2011, p. 23.

¹² ADORNO, T. *Anotações sobre Kafka*. In: Prismas. Tradução de Augustin Wernet e Jorge de Almeida. São Paulo: Ática, 2001, p. 259

Defoe escreve Robinson na Inglaterra de 1719 onde predominavam os negócios de uma classe média como o pai de Defoe que fabricava e comercializava velas, o próprio Defoe chegou a ser dono de uma olaria.¹⁵ Esta classe lutava para se manter tendo os grandes industriais como modelo e um terrível medo de cair no modo de vida da maioria dos trabalhadores, pobres que exerciam, em geral, o serviço braçal. Defoe escreve para os membros de sua própria classe social. A segurança material e o equilíbrio psicológico que esta classe obtinha não poderiam vir dos pretensos méritos e modo de comportamento secular da nobreza, pois eram homens comuns que enriqueceram. Sua segurança e equilíbrio só poderiam vir do trabalho e dum modo de vida regrado, pois foi isto que os ajudou a enriquecer, pelo menos na Inglaterra. Entretanto, sabemos que o herói de Defoe sofre o naufrágio numa viagem em que saía do Brasil para buscar escravos na África. Que ele tornou-se um senhor de terras brasileiro, traficante de escravos. Mas não é este modo de vida da periferia do capitalismo, para usar a expressão de Schwarz, que o livro enaltece. Ao contrário, é o modo de vida regrado, puritano e valorizador do trabalho da Inglaterra da época. Se não fosse isto, não teria sentido o livro descrever minuciosamente todos os trabalhos de Robinson na Ilha. Por exemplo, mesmo tendo provisões acumuladas pelo trabalho anterior, em dias chuvosos Robinson se dedica a construir cestos de vime para quando o tempo melhorar carregar seus alimentos (Robinson, p. 168-169). Ao descobrir pés de arroz e outras sementes espalhados aleatoriamente na ilha ele os colhe, planta uma parte, observa o clima para ver se irão germinar, anota os períodos chuvosos, tipo de solo em que floresceram etc. (Robinson, p. 166-167). Quando sente certo desespero por não saber o seu destino ele lê a bíblia e logo se acalma. Interessante notar que a religião funciona como um apaziguador, “um conforto interior” (Robinson, p.158), mas não é ela que impulsiona o trabalho constante, este impulso já existe.

Assim, embora o herói de Defoe tenha seus momentos de angústia, a maior parte do tempo ele está tranquilo. O trabalho regrado, os momentos dedicados à caça e o posterior descanso ocupam seu tempo e dão sentido a sua vida. Ele percorre a ilha com tranquilidade e em vez de o vemos angustiado pela falta de contato humano, o vemos avaliando cada coisa que encontra (planta, animal, mineral) em função do proveito que poderá obter.

Comparando os dois heróis, percebe-se que o herói de Defoe trabalha não apenas pela sobrevivência, mas principalmente, pela busca do conforto. O trabalhador burguês não busca mais o luxo da antiga nobreza, mas o conforto, que não é o supérfluo, mas a recompensa pelo trabalho e, ao mesmo tempo, o mantém longe da penúria da pura sobrevivência. O herói de Kafka está bem instalado, o perigo não está na escassez, ao contrário, ele tem relativa abundância de caça. Mas, ele não se dedica à busca do conforto, mas à busca desesperada da proteção em relação aos outros. A competição é elevada ao extremo:

Preciso ter a possibilidade de uma saída imediata, pois apesar de toda vigilância, não posso eu ser atacado por um flanco totalmente inesperado? Vivo em paz no mais recôndito da minha casa, e enquanto isso o adversário, vindo de algum lugar, perfura lento e silencioso seu caminho até mim. Não quero dizer que ele tenha um faro melhor que o meu; talvez ele saiba tão pouco de mim quanto eu dele. Mas há salteadores apaixonados, que revolvem a terra às cegas e que, diante da amplitude da minha construção, alimentam a esperança de, em algum lugar, dar de encontro com uma das minhas trilhas.

¹⁵ Ver a este respeito a introdução de John Richetti. op. cit., p. 10

Naturalmente tenho a vantagem de estar em casa e conhecer com precisão todos os caminhos e todas as direções. O salteador pode facilmente tornar-se minha vítima- uma vítima succulenta. Mas estou envelhecendo, existem muitos que são mais fortes do que eu e meus adversários são incontáveis, poderia acontecer que, fugindo de um inimigo, eu caísse nas garras de outro. Ah, o que não poderia acontecer! Seja como for, preciso ter a garantia de que em alguma parte talvez exista uma saída fácil de alcançar, completamente aberta, onde, para me evadir, já não tenha mais de trabalhar, de tal modo que, enquanto estiver cavando desesperadamente, ainda que seja num aterro leve, eu não sinta de repente - que o céu me proteja! - os dentes do perseguidor nas minhas coxas. E não são apenas os inimigos externos que me ameaçam. Existem também os que vivem dentro do chão. Nunca os vi ainda, mas as lendas falam a seu respeito e eu creio firmemente nelas. São seres do interior da terra e nem a saga consegue descrevê-los. Até quem foi vítima deles mal pôde enxergá-los; eles chegam, ouve-se o arranhar das suas garras logo embaixo de si na terra, que é seu elemento, e já se está perdido. Aqui não importa que se esteja na própria casa, pois o fato é que se está na casa deles. Também aquela saída não me salva, como provavelmente ela não me salva em caso algum, antes me arruína, entretanto é uma esperança e eu não posso viver sem ela (A construção, p. 64-65).

É claro que ao lermos o texto de Kafka imediatamente lembramos da situação dos judeus na época e possivelmente estas palavras de Kafka anteciparam em muito o inferno que se estabeleceu na Europa. Nesta situação história a fala do personagem: “Aqui não importa que se esteja na própria casa, pois o fato é que se está na casa deles” é a expressão de alguém que vive como se estivesse num campo minado. E esta era, como sabemos hoje, a real situação dos judeus, principalmente na Alemanha.

Mas, voltando à comparação com o Robinson, talvez o trabalhador atual tenha em si parte destes dois personagens, pois trabalha regularmente para a sobrevivência e imagina sua felicidade no conforto que as mercadorias podem lhe dar. Trabalhar para comprar parece constituir uma parte significativa da vida. Por outro lado, a relação com os outros costuma ser instrumental. Como comparsas ou inimigos. Os primeiros são aqueles que fazem parte do mesmo grupo social, com quem se pode contar, ao menos em parte. Os segundos, em geral, fazem parte daqueles grupos que representam uma ameaça. Raros são os casos de cumplicidade verdadeira.

Entretanto, embora as duas obras de arte ao tratar de extremos refratam algo da nossa vida social, não são o espelho dela. Afinal, a maioria não mira as coisas somente com a lupa do útil, nem está numa ansiedade constante por medo de predadores. Apesar de uma parte disto estar sempre presente no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Gesammelte Schriften in 20 Bänden**. (Herausgegeben von Rolf Tiedemann unter Mitwirkung von Gretel Adorno.) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970-1986.

_____. **Dialética Negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

_____. **Teoria Estética**. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

_____. **Para a metacrítica da teoria do conhecimento.** Estudos sobre Husserl e as antinomias fenomenológicas. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

_____. Anotações sobre Kafka. In: **Prismas.** Tradução: Augustin Wernet e Jorge de Almeida. São Paulo: Ática.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Zahar: 1985.

CARONE, Modesto. **Lição de Kafka.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé.** Tradução: Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin.** Ver. Perspectivas, São Paulo, 16, 1996.

KAFKA, F. **Um artista da fome e a construção.** Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KANT. **Crítica da Faculdade do juízo.** Trad. Valério Rohden e António Marques. RJ: Forense Universitária, 2005.

HAMM, Christian. **A natureza “inatural” da razão em Kant.** Studia Kantiana. n. 15, 2013

LÖBIG, Michael; SCHWEPPENHÄUSER, Gerhard (hrsg). **Hamburger Adorno-Symposion.** Lüneburg, Zuklampen, 1984

MORETTI, Franco. **O burguês:** entre a história e a literatura. Tradução de Alexandre Morales: São Paulo: Três Estrelas, 2004

WELLMER, Albrecht. Acerca da negatividade e autonomia da arte. Sobre a atualidade da estética de Adorno. In: **Revista Tempo Brasileiro**, out.-dez., n. 155, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 27-55.

